

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE GOIÁS-GO**

CARLA BENIGNA DA PAIXÃO SOUSA

**A SEGREGAÇÃO NA CIDADE DE GOIÁS: UM ESTUDO SOBRE O SETOR
PAPYRUS**

GOIÁS-GO

2010

CARLA BENIGNA DA PAIXÃO SOUSA

**A SEGREGAÇÃO NA CIDADE DE GOIÁS: UM ESTUDO SOBRE O SETOR
PAPYRUS**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual de Goiás Unidade de Goiás-GO, como requisito final, para a obtenção do título de Licenciada em Geografia.

Orientadora: Prof^ª. Msc. Karla Annyelly
Teixeira de Oliveira

GOIÁS-GO

2010



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS

(Criada pela Lei n.º 13.456 de 16 de abril de 1999, publicada no DOE-GO de 20 abril de 1999)

UNIDADE UNIVERSITÁRIA DA UEG DE GOIÁS

Endereço: Rua Dr. Deusdeth Ferreira de Moura s/n – Centro – Cidade de Goiás

Telefone Fax: (062) 3936-2160 – (062) 3936-2161 e-mail: sec.goiias@ueg.br

Coordenação do Curso de Geografia

FOLHA DE APROVAÇÃO

Aos vinte e quatro dias do mês de novembro do ano de dois mil e dez, a Unidade Universitária da UEG de Goiás, o(a) acadêmico(a) **CARLA BENIGNA DA PAIXÃO SOUZA** proferiu a apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: **A SEGREGAÇÃO NA CIDADE DE GOIÁS: UM ESTUDO SOBRE O SETOR PAPYRUS APROVADO(A)** para a obtenção do Título de Licenciado(a) em **GEOGRAFIA**.

Banca Examinadora:

Karla A. T. de Oliveira

Profª. Ms. Karla Annyelly Teixeira Oliveira – UnU da UEG de Goiás

Orientadora

Murilo Mendonça Oliveira de Souza

Prof. Ms. Murilo Mendonça Oliveira de Souza – UnU da UEG de Goiás

Examinador

Robson De Souza Moraes

Prof. Ms. Robson de Souza Moraes – UnU da UEG de Goiás

Examinador

Dedico este trabalho a minha mãe a quem agradeço pelo esforço com o qual me mantém e pelo reconhecimento á minha futura profissão.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela saúde, fé e perseverança que tem me dado.

Ao meu namorado, companheiro e amigo Bruno Ricardo, pelo incentivo e companheirismo em todos os momentos.

Ao meu amigo Jean Santos que durante a realização deste estava sempre me auxiliando.

Aos meus amigos pelo incentivo a busca de novos conhecimentos.

A todos os professores e professoras que muito contribuíram para a minha formação em especial o professor José Braga, pela paciência que sempre teve com a turma do IV ano de geografia 2010, ao Marcelo Mello inesquecível e grande amigo que possui uma energia extremamente positiva capaz de contagiar a todos, ao professor Jean Molinari sincero e compreensivo, ao José Alberto um grande amigo divertido, ao professor Ivonaldo que se deixou conquistar pela turma do IV ano de Geografia 2010, ao professor Pedro Vieira que nos mostrou a amplitude dos estudos da Geografia, ao professor Marcello Jerônimo, que mesmo estando pouco tempo com nossa turma contribuiu muito com o nosso aprendizado, e a professora mestra Karla Annyelly pela sabedoria e dedicação com a qual supervisionou este trabalho. Foram quatro anos maravilhosos, no qual vivemos todos os sentimentos juntos, sentirei saudades, e peço a Deus que este laço de amizade construído na Unidade Universitária de Goiás, nunca tenha fim.

"Saber pensar o espaço, para saber nele se organizar, para saber nele combater...Afinal, nem toda região montanhosa arborizada é Sierra Maestra".

(Yves Lacoste)

RESUMO

A presente pesquisa tem o objetivo de abordar o processo de segregação urbana na Cidade de Goiás, para isso, parte do espaço urbano da cidade fora desmistificado e posto em análise. Para que se cumpra este objetivo, faz-se necessário contextualizar a produção, o desenvolvimento e a organização do espaço em estudo, visando compreender a origem, as histórias e as lutas dos devidos moradores, toda a dinâmica do espaço em questão, as relações que ali se estabelecem, e conhecer a vida cotidiana, os sonhos e as expectativas para uma vida melhor dos moradores. Portanto, os métodos utilizados para a realização deste trabalho de campo, conta com o uso de questionários, entrevistas e observações, que permite analisar a paisagem urbana da cidade para compreender a sua dinâmica, as relações comerciais e sua história, pois são estes, responsáveis pelas formas e movimentos do espaço, Cardoso (2003, p. 16) nos esclarece que “o espaço urbano é entendido como uma transformação do histórico social, econômico e cultural, devido às relações que as circunda. O homem tem a ação transformadora no espaço, pois organiza o mesmo, de acordo com suas necessidades”. Após conhecer a paisagem urbana da Cidade de Goiás, pode-se notificar a existência da segregação urbana, que se encontra em diversos bairros e setores da cidade como, o Alto Santana, o Goiás II, o residencial Tempo Novo, a Vila Lions e o setor Papyrus, este último fora escolhido para análise com o intuito de identificar as características de um espaço segregado. Para este feito a pesquisa busca conhecer o processo de formação do setor Papyrus e o motivo de sua criação. A primeira característica visível de um espaço segregado está na sua localização, o Setor Papyrus está posicionado na porção sudeste da Cidade de Goiás, às margens da BR-070 na saída para Goiânia ao lado esquerdo da rodovia, distante do centro urbano da cidade, isso se justifica pelo preço do terreno ser mais barato, podendo as pessoas de baixa renda possuir sua própria casa, como coloca Santos (1996, p. 82), ao afirmar que “o valor do homem, assim como o valor do capital em todas as suas formas, depende de sua localização no espaço”. Outra característica importantíssima de um espaço segregado é o aglomerado de pessoas de mesmo nível social num determinado espaço, assim, Vilhaça (2001, p.142) com uma caracterização mais ampla sobre segregação, nos explica que “a segregação é um processo segundo o qual diferentes classes ou camadas sociais tendem a se concentrar cada vez mais em diferentes regiões gerais ou conjuntos de bairros da metrópole”. Portanto, fora notificado que o referido setor faz parte de um dos programas governamentais que visa solucionar o problema da habitação no Brasil. O setor Papyrus é um conjunto habitacional criado para atender a demanda crescente da urbanização da cidade de Goiás, visando oferecer moradia para as pessoas que não têm a mobilidade de escolher seus locais de moradia. E se faz importante notificar os sentimentos dos moradores deste setor, se eles estão satisfeitos e felizes com o espaço que ocupam.

PALAVRAS-CHAVE: Espaço Urbano. Paisagem. Segregação. Moradia.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Mapa 01: Localização da cidade de Goiás.....	15
Foto 01: Palácio Conde dos Arcos.....	18
Foto 02: Quartel do XX.....	18
Foto 03: Museu de Arte Sacra.....	19
Foto 04: Museu das Bandeiras.....	19
Foto 05: Casa de Cora Coralina.....	20
Foto 06: Casa do Bispo (IPHAN).....	20
Foto 07: Mercado Municipal.....	21
Foto 08: Chafariz do largo da Carioca.....	21
Foto 09: Chafariz da Boa Morte.....	22
Foto 10: Praça do João Francisco localizada no sub-centro da cidade de Goiás: Bairro João Francisco.....	22
Gráfico 01: Faixa etária dos moradores do Setor Papyrus da cidade de Goiás.....	31
Gráfico 02: Escolaridade dos moradores do Setor Papyrus da cidade de Goiás.....	32
Gráfico 03: Renda familiar dos moradores do Setor Papyrus da cidade de Goiás.....	33
Foto 11: Estrutura precária de uma casa.....	34
Foto 12: Rua sem pavimentação.....	34
Foto 13: Pequeno mercadinho no Setor Papyrus.....	35
Foto 14: Igreja de Santo Expedito.....	35
Foto 15: Casa reformada pelo morador.....	35
Foto 16: Casa reformada pelo morador.....	35
Gráfico 04: O que mudou no Setor Papyrus da cidade de Goiás segundo os moradores...	35
Foto 17: Campo de futebol.....	37
Foto 18: Ônibus da Prefeitura Municipal.....	37

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	10
1 BREVE HISTÓRICO DA CIDADE DE GOIÁS.....	12
1.1 O estudo da Paisagem.....	13
1.2 Descrição da Paisagem da cidade de Goiás: uma cidade pequena.....	15
2 A SEGREGAÇÃO URBANA.....	25
2.1 Segregação na Paisagem urbana da cidade de Goiás-GO.....	26
3 ASPECTOS DA SEGREGAÇÃO NO SETOR PAPYRUS.....	29
3.1 A construção do Setor Papyrus: o início da segregação.....	29
3.2 A vida cotidiana no Setor Papyrus: a efetivação da segregação.....	31
3.2.1 Os sujeitos que vivem no Setor Papyrus.....	31
3.2.2 A insatisfação em relação ao Setor Papyrus na perspectiva dos moradores.....	33
3.2.3 As práticas culturais dos moradores no Setor Papyrus.....	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS.....	40
ANEXOS.....	42
ANEXO A.....	43
ANEXO B.....	44
ANEXO C.....	45

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A segregação urbana tornou-se um fato presente nas grandes, pequenas e médias cidades, onde há a separação espacial de pessoas conforme sua classe social. Conforme a idéia de Villaça (2001) as pessoas do mesmo poder aquisitivo tendem a ocupar os mesmos espaços como os bairros e condomínios, destinados á moradia. O arranjo espacial cria e produz a segregação que forma uma homogeneidade de classes sociais residindo nos mesmos bairros.

Dessa forma a segregação urbana é um sério problema fortemente ligado as cidades. E se expressa de várias formas, como exemplo a imposição sobre a população de baixa renda, que não tem muita opção de escolha para locais de moradia. E como exemplo dessa imposição verifica-se a presença dos conjuntos habitacionais criados pelo governo através de políticas habitacionais, objetivando solucionar a questão da moradia.

Na Cidade de Goiás, nota-se a presença de tais políticas habitacionais, pois a demanda por moradia na cidade aumentou, e a administração local teve a necessidade de intervir para solucionar este problema e instituiu a criação de conjuntos habitacionais na cidade. Para tanto realiza-se uma pesquisa no setor Papyrus localizado na porção sudeste da Cidade de Goiás, às margens da BR-070 na saída para Goiânia ao lado esquerdo da rodovia, segundo informações concedida por funcionários da prefeitura municipal da cidade de Goiás, este foi construído, a partir de um acordo firmado entre o ex-prefeito da Cidade de Goiás, Adélio Alves Aguiar, e o ex-candidato a deputado estadual, Kennedy Trindade, que teria oferecido 186 Kits de construção em troca de apoio político à sua candidatura, uma vez que as dimensões dessa situação é o que motivaram a realização do presente estudo.

O Setor Papyrus possui moradores com várias histórias, sonhos e origens, mas com as mesmas dificuldades e necessidades como possuir a casa própria. A partir da vivência cotidiana, os moradores criaram um vínculo fortíssimo com o lugar, onde fora possível algumas indagações que nortearam a pesquisa: Como este setor se desenvolveu? Como vivem seus moradores? O que este setor tem a oferecer para seus moradores? As pessoas deste setor, estão ali porque gostam ou por não terem outra opção? Quais as expectativas para uma vida melhor tem esses moradores? E quais suas satisfações/insatisfações em relação ao setor?

A partir dessas questões, é possível traçar a história dessas pessoas, conhecê-las, entender o cotidiano dos moradores, conhecer seu perfil, identificar como é morar num espaço segregado, notificar se os objetivos das políticas habitacionais, que é de proporcionar uma melhor condição de vida (infra-estrutura, lazer, etc.) a seus moradores, está sendo atingido no

setor, e compreender o processo de formação e constituição do setor Papyrus, como lugar de moradia programada.

Como procedimentos utilizados na pesquisa campo, foram aplicados questionários, entrevistas e observações, coletando dados referentes ao setor, realizando assim um mapeamento físico e social do setor Papyrus, tendo como objetivo de tais pesquisas, criar um esboço que possa revelar dados da população que ali reside bem como renda, faixa etária, escolaridade, realizando assim uma análise capaz de relatar as características sócio-espaciais e econômicas do setor. Para isso foram necessários: pesquisas bibliográficas em diversos autores, e consultas em fontes documentais do poder municipal e em órgãos públicos, registros fotográficos do setor Papyrus, entrevistas com moradores e antigos funcionários da Prefeitura Municipal da Cidade de Goiás e posteriormente, a análise dos dados coletados. As discussões teóricas e a apresentação dos dados e seus resultados foram organizados em três capítulos.

O primeiro capítulo discute a formação territorial da Cidade de Goiás, a importância do estudo da paisagem, e a descrição física da paisagem urbana da cidade, e ainda contextualiza a dinâmica do espaço e as características de uma cidade.

No segundo capítulo, discute-se o tema da pesquisa “a segregação urbana”, seus feitos e efeitos, e como ela se mostra presente na Cidade de Goiás.

No terceiro capítulo, com base na pesquisa realizada e nos dados coletados, apresenta uma caracterização dos moradores do setor Papyrus conhecendo quem são esses sujeitos, apontando os aspectos da segregação neste setor, a vida cotidiana dos moradores, suas satisfações/insatisfações em relação ao local, o que o setor tem a oferecer a seus moradores e o que os moradores almejam para este setor de forma que os beneficiem.

1 BREVE HISTÓRICO DA CIDADE DE GOIÁS

O Processo de formação da cidade de Goiás, aconteceu quando o sertanista Bartolomeu Bueno da Silva, conhecido como Anhanguera, chegou a essa região. Ele não foi o primeiro a chegar a Goiás, mas foi o primeiro a vir a Goiás com intenção de se fixar aqui. Isso se deu quando se descobre o ouro no Brasil. A primeira região ocupada foi a região do Rio Vermelho, onde a Cidade de Goiás nasceu em 1736, como Arraial de Sant'Ana, que depois seria chamado Vila Boa e, mais tarde, Cidade de Goiás, sendo durante 200 anos a capital do território. Sendo assim, Palacín (1994, p.10) diz que: “Nas proximidades de Sant'Ana, surgiram numerosos arraiais, nas margens de córregos e rios, como centros de garimpo: Barra, Ferreiro, Anta, Ouro Fino, Santa Rita, etc”. O povoamento de Goiás aconteceu nas condições determinadas pela mineração do ouro. As pessoas se fixavam nos locais onde havia ouro, e quando o ouro deste local se esgotava, os mineiros mudavam-se para outro lugar em busca de mais ouro.

Nesse contexto Palacín (1994, p. 29) ainda diz que:

Em 1750, ao tornar-se Goiás capitania, os habitantes deviam ser pouco menos de 40.000. A população tinha mais que dobrado nestes 25 anos. Nos trinta anos seguintes, a população continuou aumentando, embora já a um ritmo inferior em 1783 haviam em Goiás quase 80.000 habitantes, um aumento de mais de 50%.

Com o esgotamento do ouro, no fim do século XVIII, Vila Boa teve sua população reduzida e precisou buscar outros meios para sua economia que se voltava para a agropecuária.

A grande mudança, que já vinha ocorrendo há muito tempo, foi a transferência da capital estadual para Goiânia, nos anos 1930 e 1940 coordenada pelo então interventor do Estado Pedro Ludovico Teixeira. De certa forma, foi essa decisão que preservou a arquitetura colonial da Cidade de Goiás.

Em 2001 a Cidade de Goiás foi reconhecida pela UNESCO como sendo Patrimônio Histórico e Cultural Mundial por sua arquitetura barroca peculiar, por suas tradições culturais seculares e pela natureza exuberante que a circunda. O Centro Histórico de Goiás abrange a área histórica do município brasileiro de Goiás. A preservação desse sítio histórico começou em 1978, quando iniciou o tombamento. De acordo com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), a cidade de Goiás possui cerca de 486 imóveis tombados e aproximadamente 1.200 bens móveis, como mobílias e obras de arte.

Desde que a cidade adquiriu o título de patrimônio histórico e cultural, foram promovidas várias campanhas para preservar todo o patrimônio histórico, arquitetônico, cultural do município.

A paisagem do espaço urbano da Cidade de Goiás, desenvolvida as margens do Rio Vermelho no centro histórico, guarda um importante valor arquitetônico, porém a dinâmica da cidade vai muito além do centro histórico, pois o espaço é compreendido como um processo de transformação do histórico nos aspectos culturais, econômicos e sociais, onde o homem é o transformador deste espaço onde se produz mudanças em funções de suas necessidades. Para Corrêa (1989, não paginado), “o espaço é visto pela ciência geográfica como um conjunto de inter-relações dinâmicas entre os diversos elementos que o constitui, sejam eles físicos, políticos, econômicos ou culturais, evidenciando neste, o homem”. Assim faz se necessário compreender a paisagem de um determinado local, por que ela conta a história de seus moradores.

1.1 O estudo da Paisagem

A paisagem é o primeiro passo do estudo, ela pode ser entendida como a composição de elementos da natureza no espaço, dentre os quais a fauna e a flora, o homem e as edificações que constrói com a sua ação no espaço geográfico. A Geografia, enquanto ciência estuda a paisagem por diferentes vertentes do pensamento geográfico de distintas maneiras. Mas todas tem como consenso, que a paisagem, é a materialização resultante da interação do homem com a natureza. Nessa perspectiva Santos (1996, p. 61) discorre que:

Paisagem, ela é tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes(as formas), mas também de cores, movimentos, odores, sons, etc.

É nas paisagens que estão inseridos todos os elementos naturais, tais como vegetação, relevo, etc., e culturais produzidos pelo homem, como as casas, ruas, etc., que estão presente no espaço geográfico. Por isso, a paisagem sendo um conjunto de objetos concretos, criados em momentos históricos diferente, tem seus sentidos e valores atribuídos pelos sujeitos sociais que a constitui. A reprodução do espaço contribui com o processo de revitalizar a cidade e com ela a paisagem urbana sofre mudanças. As formas urbanas são modificadas constantemente ganhando sempre novos sentidos.

Contudo este processo de reprodução dos lugares da cidade, enquanto processo de revitalização de novas formas urbanas, gera imensos problemas ligados a cidade como a segregação, que obriga as famílias a desocuparem seus lugares para o recriar , e também destrói elementos que definem a identidade dos cidadãos e da própria cidade.

Sobre isso Carlos (2007, p. 89) diz:

A revitalização, por sua vez, também produz a assepsia dos lugares, pois o “degredado” é sempre o que aparece na paisagem como o pobre, o sujo, o feio, exigindo sua substituição pelo rico, limpo, bonito; características que não condizem com a pobreza.

A paisagem urbana tende a revelar a manifestação do processo de produção do espaço urbano, que existe a partir das relações sociais que o constitui, as formas urbanas acompanha a necessidade da sociedade, com isso, o espaço como produto social e histórico ganha novas formas, valores e novos sentidos. Ainda Carlos (1994, p. 62) relata que:

A idéia de espaço geográfico está muito distante da idéia de natureza, encetando a perspectiva de discuti-lo como uma obra. Desta feita o espaço geográfico aparece como movimento historicamente determinado da produção social. Assim, cada transformação ocorrida ao longo do processo civilizatório implicará espaços diferenciados, com conteúdos diversos. Nesse sentido o espaço geográfico é um produto de relações concretas que o homem cria na sociedade e através dela, ao longo de seu processo de hominização; processo este que se cria como atividade prática dos homens (em suas relações materiais) que reproduz o processo de desenvolvimento da humanidade.

Dessa forma, entende-se que a paisagem estará constantemente em transformação, pois ela é o registro das tensões, dos sucessos e fracassos de uma sociedade, nela encontra-se as marcas da evolução histórica dessa sociedade. Santos (2002, p.31) contribui com essa discussão nos revelando que, a paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento, exprime as heranças que representam as sucessivas reações localizadas entre homem e natureza. Santos, aqui, agrega à paisagem o fator da temporalidade na sua constituição. Assim, ao longo da história, as diferentes abordagens sobre paisagem tentam não somente descrevê-la enquanto conceito geográfico, mas demonstrar que a paisagem é o resultado da ação do homem e da sociedade sobre a natureza, onde da origem aos espaços urbanos e rurais.

1.2 Descrição da paisagem da Cidade de Goiás: Uma cidade pequena

A Cidade de Goiás pertence á microrregião Rio Vermelho, que integra a messorregião Noroeste Goiano. Suas coordenadas geográficas são 15° 56' 2" de latitude Sul e 50° 8' 24" de longitude Oeste. Dista á 148 Km de Goiânia e possui uma área de 3.108,008 Km². Segundo estimativas do IBGE no ano de 2007, a Cidade de Goiás possui uma população de 24,472 habitantes, com 6,932 habitantes residindo na área rural e 17,540 habitantes na área urbana. Tem como municípios limítrofes Faina, Mossâmedes, Itaberaí, Itapirapuã, Matrinchã, Heitorai, Itapuranga, Buriti de Goiás, Novo Brasil e Guaraíta. Em divisão territorial datada de 2003, o município é constituído de 6 distritos: Goiás, Buenolândia, Calcilândia, Davidópolis, São João e Uvã.



Mapa 01: Mapa do Município de Goiás 2003
Fonte: IBGE, In, BORBA, Odilone e Fátima, 1998
Adaptação: LIMA, José A. E. 2002

Para entendermos uma cidade é necessário observarmos a sua paisagem, sua forma, as ruas, moradias, praças, etc., dessa forma podemos diferenciar uma cidade da outra, cada cidade tem sua história, sua própria identidade e sua dinâmica. Em consonância a essas argumentações Spósito (1994, p.12), propõe que:

Para entender a cidade, não basta apenas observá-la ou viver nela. É preciso verificar a sua dinâmica, a sua geografia e a sua história. Ou seja, é preciso observar a movimentação das pessoas em suas ruas, as relações comerciais, onde estão localizados os estabelecimentos industriais, onde moram e estudam seus habitantes, etc.

Assim, todas as cidades apresentam características que as definem como cidade, pois em seu território não se exercem prioritariamente atividades agrícolas e pecuárias, que são típicas das áreas rurais. As atividades urbanas, são aquelas que ocorrem na cidade, ligadas ao processo de transformação das matérias primas nas indústrias, no comércio de mercadorias, transporte urbano, rede de saneamento básico, à prestação de serviços, entre outros.

Ainda Spósito (1994, p. 14) “a cidade existe historicamente porque foi desenvolvida a divisão de trabalho, o que pode não aparecer facilmente em sua paisagem”. É necessário entendermos que a divisão do trabalho contribui com a dinâmica das cidades, pois é expressa pelas diferentes atividades exercidas pelas pessoas que tendem a se territorializar em determinados lugares.

Esse processo dinâmico das cidades, produz formas, movimentos e conteúdos sobre o espaço urbano, que dá origem a organização espacial caracterizada por diferenciar áreas centrais, industriais e residências de uma cidade. Nesse sentido com uma caracterização mais ampla sobre centralização, Corrêa (1997, p.123), aponta que:

Uma característica comum da metrópole moderna é a existência de uma área onde se concentram as principais atividades comerciais e de serviços, bem como os terminais de transportes interurbanos e intra-urbanos. Esta área, conhecida como área central, resulta do processo de centralização, indubitavelmente um produto da economia de mercado levado ao extremo pelo capitalismo industrial.

E ainda, Cavalcanti (2008, p.43), contribui com essa discussão, nos acrescentando que, “a área central de uma cidade aparece como local de concentração de uma série de atividades que visam atender à demanda crescente das necessidades das classes de maior poder aquisitivo”.

Nessa visão, a zona central da Cidade de Goiás, está no entorno e nas proximidades da Praça do Coreto, onde se concentra todos os tipos de estabelecimentos comerciais, como supermercados, bares, pizzarias, pamonharias, sorveterias, lojas de roupas, calçados, eletrodomésticos, entre outros. E também há várias escolas desde a formação inicial até o superior, dentre as quais se destaca, o Jardim da Infância (formação inicial), o Colégio

Estadual Professor Alcide Jubé (ensino médio), fundado em 25 de março de 1965, a Escola Estadual Liceu de Goiás (ensino fundamental), fundado em 20 de junho de 1846, na cidade de Goiás, e foi transferido para Goiânia em 1937, mas ainda funciona na cidade como escola pública de nível fundamental, o Colégio Santana, particular, fundado em 1879 pelas irmãs dominicanas e em ensino superior a cidade conta com duas universidades publicas, a Universidade Estadual de Goiás - UEG e a Universidade Federal de Goiás - UFG.

A área central da Cidade de Goiás, concentra ainda outros serviços e lugares públicos como: Hospital de Caridade São Pedro de Alcântara que atende toda população do município e foi fundado em 1825, sob a proteção de dom Pedro I, pela Carta Imperial de 25 de janeiro, para servir de abrigo aos enfermos pobres e indigentes, há também, o 6º Batalhão da Polícia Militar da cidade, a Prefeitura Municipal, o fórum da cidade, o Teatro São Joaquim, que merece destaque por retornar seu funcionamento como Cine-Teatro, com sessões de cinema todos os finais de semana.

É relevante falar ainda da Praça do Coreto que é o ponto de encontro dos vilaboenses, principalmente dos jovens nas noites dos finais de semana, outro destaque cultural da cidade é a Praça de Eventos Beira Rio, que sedia todos os eventos da cidade.

A cidade de Goiás possui muitos monumentos históricos, os quais são intensamente utilizados pelos turistas. Dentre eles cita-se:

- Palácio Conde dos Arcos, construído em 1750, logo após a chegada de Dom Marcos de Noronha – o Conde dos Arcos, para assumir o governo. O edifício serviu de residência oficial aos governadores do estado até 1937, com a transferência da capital para Goiânia. Atualmente o Palácio sedia a administração municipal, e abriga o Museu Palácio Conde dos Arcos, e todos os anos, no aniversário da cidade, o Palácio volta a ser a sede provisória do governo estadual de Goiás (Foto 01).



Foto 01: Palácio Conde dos Arcos
Org: Sousa, Carla Benigna da P.

- Quartel do XX, mais antigo edifício oficial do estado, fundado em 1747 com características arquitetônicas típicas das edificações militares do período colonial. Os goianos que se juntaram as tropas brasileiras na Guerra do Paraguai, saíram deste quartel. Atualmente o Quartel do XX sedia o arquivo da prefeitura e a Secretaria Municipal de Cultura (Foto 02).



Foto 02: Quartel do XX
Org: Sousa, Carla benigna da P.

- Museu da Arte Sacra da Boa Morte, a igreja foi construída em 1779 pela irmandade dos homens pardos, foi levantada sobre os alicerces de uma das casas do bandeirante Bartolomeu Bueno, na praça da Matriz. Funcionou como Catedral e hoje abriga uma coleção de imagem do escultor Veiga Valle (Foto 03).



Foto 03: Museu de Arte Sacra
Org: Sousa, Carla Benigna da P.

- Museu das Bandeiras, antiga casa de Câmara e Cadeia. Foi construído em 1761, a partir de um projeto da corte do rei D. José I, durante o governo goiano de João Manoel de Melo, para abrigar a Casa de Câmara e Cadeia. A cópia deste projeto, encontra-se no saguão de entrada do museu (Foto 04).



Foto 04: Museu das Bandeiras
Org: Sousa, Carla Benigna da P.

- Casa de Cora Coralina, conhecida por ter abrigado a mais famosa moradora da cidade, foi construída na segunda metade do século XVIII, sendo uma das primeiras construções edificadas na cidade, e foi adquirida pela família da poetisa no início do século XIX. A fundação Cora Coralina, montou em uma parte da casa um museu dedicado a memória da escritora. (Foto 05).



Foto 05: Casa de Cora Coralina
Org: Sousa, Carla Benigna da P.

- Casa do Bispo, não se conhece a data de sua construção e nem seus primeiros moradores, sabe se que em 1909 que o lugar foi adquirido por Dom Prudêncio, Bispo de Goiás, passando a ter utilizado como oficina do Jornal “O Lidador”, e pela secretaria do bispado. Atualmente a casa sedia o Escritório Técnico da 14ª Superintendência Regional do (IPHAN) (Foto 06).



Foto 06: Casa do Bispo (IPHAN)
Org: Sousa, Carla Benigna da P.

- Mercado Municipal, o edifício definitivo do mercado foi construído no início do século XX. Seguindo antigas tradições, o mercado ainda hoje é um ponto de encontro da população e de visitantes, pois além de mostrar a vida cotidiana da cidade, é um local para experimentar pratos típicos da cidade (Foto 07).



Foto 07 Mercado Municipal
Org: Sousa, Carla Benigna da P.

- Chafariz do Largo da Carioca, a primeira fonte pública de abastecimento de água da cidade. Hoje é cercado por uma área de lazer criada pela prefeitura municipal, o chafariz que também é conhecido como poço do Bispo, é muito procurado por turistas (Foto 08).



Foto 08: Chafariz do largo da Carioca
Fonte: <http://www.google.com.br/images?cidade-de-goias>

- Chafariz da Boa Morte, construído em 1778 em alvenaria de pedra, o chafariz tinha a finalidade de fornecer água a população da cidade juntamente com o chafariz da Carioca, as bicas em seu corpo central abastecia população, enquanto dois tanques externos eram destinados aos animais (Foto 09).



Foto 09: Chafariz da Boa Morte
Org: Sousa, Carla Benigna da P.

Além desse centro histórico tradicional e principal, a cidade de Goiás possui um sub-centro, que se trata da área localizada no entorno e na extensão da Praça Jornalista Goiás do Couto, conhecida como Praça do João Francisco (Foto 10), localizada no bairro João Francisco. Facilitando a vida dos moradores deste bairro que é distante do centro da cidade por possuir atividades que atenda sua população, como igrejas, postos de saúde, escolas publicas, praças, todo tipo de comercio. Há ainda neste sub-centro um caixa eletrônico do Banco do Brasil, localizado num posto de gasolina. Dessa forma, desobriga as pessoas a se deslocarem até o centro para realizar algumas atividades básicas do seu dia a dia.



Foto 10: Praça do João Francisco da Cidade de Goiás: Bairro João Francisco
Fonte: Sousa, Carla Benigna da P.,2010.

Assim, entende-se que o centro de uma cidade se constitui numa localização de extremo valor, sendo também um ponto estratégico de dominação, enquanto os pobres se situam nos arredores das cidades, em bairros sem infra estrutura adequada. Nesse sentido Carlos (1994, p. 23) alerta que: “A produção espacial expressa as contradições da sociedade atual na justaposição de riquezas e pobreza, esplendor e fealdade; em última análise na segregação estampada na paisagem[...]”.

Nesse sentido, as cidades estruturadas em condições históricas derivada da produção humana, como a Cidade de Goiás, se constituem ao longo dos anos e assumem formas e funções diversas.

A cidade, enquanto resultado da história da sociedade, pode ser definida como: uma aglomeração e um lugar de encontro ou seja, ele é o *locus* dos meios de produção, das atividades de serviço, do capital, mas também da concentração de pessoas que respondem pela formação urbana através de diferentes costumes e etnias.” (CARLOS, 1992 não paginado).

Portanto, percebe-se que são as relações sociais, as lutas da sociedade e suas histórias, que traz vida e movimento á cidade. Como as cidades pequenas que apresentam um cenário entre o passado e o presente, onde as tramas do cotidiano, o surgimento de novos bairros e os problemas sociais, mostram se em um novo contexto histórico.

A partir da caracterização da cidade de Goiás, pode se dizer que Goiás é uma cidade pequena. Para o IBGE, as cidades pequenas são aquelas com população inferior a 100.000 mil habitantes, acima deste valor já são consideradas cidades média. O primeiro impacto de observação, pode se levantar algumas considerações em relação às características de uma cidade pequena, pois a Cidade de Goiás, é uma cidade tranqüila, as casas guardam traços coloniais, piso de assoalho, portas de madeira, a cidade apresenta características que só se vê em cidadezinhas do interior a qual ainda mantém um ritmo de vida ligado a área rural como, quintais grandes, onde ainda as pessoas criam galinhas, os vizinhos sentam nas calçadas no fim de tarde e proseiam, o olhar e a intimidade que as pessoas tem uma com as outras, é o que á diferencia de uma cidade grande, onde o fluxo de vida é mais acelerado e as pessoas não tem tempo de comunicarem uma com as outras. “O antigo modo de reprodução da vida rural está no sujeito; é o espaço profundo/tradicional que ainda existe”. (CHAVEIRO, 2005 p. 23).

O centro histórico conta com uma iluminação barroca, sendo toda de lamparinas e lampiões. Suas ruas estreitas e com piso de pedras e paralelepípedos dá um toque antigo à cidade, próprio dos monumentos históricos. Em 2001, a cidade teve parte de seus

monumentos arrastados e destruídos em razão da enchente do Rio Vermelho, sendo restituídos através do trabalho de artistas e historiadores.

Dentre as apresentações culturais da cidade, estão o Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental – FICA, e a Procissão do Fogaréu, nela os participantes encenam a perseguição e a prisão de Jesus. Durante a perseguição, as luzes da cidade são apagadas e homens encapuzados saem percorrendo os caminhos, as ruas estreitas da cidade, com tochas nas mãos. A culinária é simples, bem típica da região, apresentando a famosa galinhada com pequi e os deliciosos pastelinhos de doce de leite.

Como toda cidade do interior, Goiás também tem suas lendas e histórias populares. Os moradores contam que, uma das lendas, diz que quem toma a água do Rio Vermelho não sai mais da cidade. Há também a famosa história da igreja Catedral de Santana que fica no centro da cidade. Dá para ver os tijolos do prédio, como se estivesse em construção. Mas não está. Diz os moradores mais antigos, que por volta de 1743 o vigário da igreja foi pego com uma índia e acabou sendo expulso da congregação, mas antes de ir embora rogou uma praga: que as obras da igreja nunca iriam ter fim, pois quando o prédio estivesse pronto ele tombaria. Dizem que a igreja já foi construída e tombada umas duas vezes e para que isso não aconteça de novo foi decidido que ela não será finalizada. Dessa forma, percebe-se a importância de se preservar as relíquias culturais da população dessas cidades históricas e suas origens, para que detenha a consciência da importância de sua propriedade para a memória das gerações futuras.

2 A SEGREGAÇÃO URBANA

A segregação urbana é uma ação gerada pelo processo de urbanização das cidades, devido ao desenvolvimento do comércio e da indústria, houve então o aumento da concentração urbana e surgiram os primeiros problemas sociais, ligados a questão urbana como a falta de saneamento básico, saúde e moradia.

A expansão urbana tem se apoiado numa sociedade com distribuição de renda bastante desigual. O arranjo espacial das cidades reflete os contrastes sociais existentes, a segregação urbana é uma forma de reprodução das relações sociais no modelo econômico capitalista. A pobreza aparece, então, como um resultado desse processo, e Santos (1996, p. 53), diz que:

[...] revelando de maneira indiscutível que as desigualdades fazem surgir segmentos excluídos da ordem social, ou socialmente segregados, sem acesso aos serviços sociais, como saúde e educação, e acesso marginal ao mercado de trabalho.

Todavia, a segregação urbana muito comum nas cidades, onde há a separação espacial de pessoas conforme sua classe social, onde as pessoas do mesmo poder aquisitivo tendem a ocupar os mesmos espaços destinados a moradia.

Gomes (2002, p. 181), nos acrescenta que, “o espaço é, sob essa dinâmica, sempre objeto de conflitos, pois estabelecer um território de domínio de um grupo significa a afirmação de sua diferença em oposição aos demais”. Com o olhar de Gomes, percebe-se que as desigualdades acarretam uma forma de ocupação onde os habitantes se fecham em determinadas áreas, conjuntos habitacionais populares e favelas vizinhas aos bairros de classe alta, os quais são exemplos claros e frequentes nas cidades:

A cidade é um modo de viver, pensar, mas também sentir. O modo de vida urbano produz idéias, comportamentos, valores, conhecimentos, formas de lazer e também uma cultura. [...] A cidade é também um campo privilegiado de lutas de classe, de movimentos sociais de toda a espécie, que questionam a normalização da cidade e da vida urbana (CARLOS, 2003, p. 26).

Assim a questão de moradia é fruto dos processos de urbanização, que por sua vez, é a reprodução do crescimento e do desenvolvimento de uma sociedade, sociedade esta que manifesta seus anseios e desejos, transformando o espaço e modificando as paisagens.

Cardoso (2003, p. 16) a respeito do espaço urbano, diz que:

O espaço urbano é entendido como uma transformação do histórico social, econômico e cultural, devido às relações que as circunda. O homem tem a ação transformadora no espaço, pois organiza o mesmo, de acordo com suas necessidades.

2.1 Segregação na Paisagem urbana da Cidade de Goiás-Go

A formação de cidades capitalistas acontece de forma desordenada, e deixa transparecer uma das principais características do sistema: a desigualdade. Neste contexto, a falta de uma política habitacional que atenda às necessidades de uma maioria marginalizada, reforça a segregação pois se apóia na existência da propriedade privada, transformando o solo urbano em um produto assim dificulta o acesso do cidadão a moradia.

Neste sentido, Munford (2004, p. 533) relata que “a própria natureza de se retirar do local de sua natureza pode ser identificada pelas características sociais relacionadas, uma comunidade segregada, afastada da cidade, não só pela falta de espaço, mas pela exclusão social”. O tecido urbano elenca várias leituras da desigualdade como a segregação espacial, que pode ser espontânea ou programada. Carlos (2007, p. 96), nos ensina que:

[...] pode ser espontânea, referindo-se a uma estratégia de classe que, a partir de uma diferenciação de renda, localiza as pessoas, diferencialmente, na metrópole, uma vez que, o uso está subordinado á propriedade e, portanto, seu uso se submete á realização do valor através de um ato de troca. [...] Há também o que Henri Lefebvre chama de “segregação programada” que se realiza pela intervenção do Estado através de políticas urbanas orientadas pelas exigências da reprodução. Isto é, a intervenção do Estado no espaço, seja diretamente através da construção de infraestrutura, seja através das políticas urbanas que incentivam o deslocamento das atividades, transformando as funções dos lugares, conseqüência do movimento de valorização/desvalorização dos lugares.

Dessa forma, observa se que a questão da habitação aparece como um grande problema de acordo com Spósito (1994, p. 40), para aquelas pessoas que não ganham muito dinheiro, ou porque são analfabetos, ou porque não possuem empregos com altos salários. E devem se submeter a essas condições impostas por falta de outras opções. Nas palavras de Rodrigues (1989, p. 14):

Para morar é preciso ter capacidade de pagar por esta mercadoria não fracional, que compreende a terra e a edificação, cujo preço depende também da localização em relação aos equipamentos coletivos e à infra-estrutura existente nas proximidades da casa/terreno.

Assim, na Cidade de Goiás, como em tantas outras cidades brasileiras essa situação é claramente encontrada, pois parte do espaço urbano da cidade de Goiás concentram bairros pobres e precários das condições mínimas de habitação como exemplo, o setor Papyrus, que foi constituído por casas populares, criado por um projeto municipal, com auxílio do governo Estadual, com o objetivo de atender à necessidade de se oferecer moradia para as pessoas carentes da cidade.

No entanto, os moradores deste bairro não possuem uma vida digna como é assegurado na Constituição Federal expressa no artigo 6º, como um dos direitos sociais, o direito à moradia, visto que não se limita em apenas ter um “teto”, mas que se inclui todas as condições básicas para se viver com dignidade. Nessa perspectiva, o cidadão é confundido com o consumidor, sobre isso nos alerta Santos (1987, p. 43), “a educação, a moradia, a saúde, o lazer, aparecem como conquistas pessoais e não como direitos sociais”.

Isso mostra que o modelo econômico adotado pelo Brasil é concentrador e excludente, onde a distribuição de renda no nosso país é bastante desigual. A segregação socioespacial, aparece como um resultado desse processo. Segundo Neto (1999, não paginado), essas desigualdades acarretam uma forma de ocupação onde os habitantes se fecham em determinadas áreas, conjuntos habitacionais populares e favelas. Criando barreiras que separam os habitantes de uma mesma cidade fragmentando o espaço construído, que pode ser entendido como segregação espacial. Esses habitantes, considerados segregados, são produzidos na maioria das vezes por razões econômicas, marginalizados para lugares afastados do centro da cidade.

Assim podemos caracterizar a segregação social, como um processo de separação de indivíduos e grupos sociais, percebida pela existência de uma grande parcela da população urbanizada vivendo em condições precárias e que não se integram economicamente no consumo das cidades. Segundo Carlos,

[...] as classes de maior renda habitam as melhores áreas, seja as mais centrais ou, no caso das grandes cidades, quando nestas áreas centrais afloram os aspectos negativos como poluição, barulho, congestionamento, lugares mais distantes do centro. [...] À parcela de menor poder aquisitivo da sociedade restam as áreas centrais, deterioradas e abandonadas pelas primeiras, ou ainda a periferia, logicamente a não arborizada, mas aquela em que os terrenos são mais baratos, devido à ausência de infra-estrutura, à distancia das zonas privilegiadas da cidade, onde há possibilidades da autoconstrução – da casa realizada em mutirão. Para aqueles que não têm essa possibilidade, o que sobra é a favela, em cujos terrenos, em sua maioria, não vigoram direitos de propriedade (2003, p. 30).

A segregação também se expressa através da separação dos locais de trabalho em relação aos locais de moradia. Atualmente a Cidade de Goiás possui uma linha com dois ônibus que faz o trajeto, percorrendo os setores considerados segregados e realizando o transporte dos moradores desses setores ao centro da cidade. Contudo, são extremamente reduzidos os horários, e ocorre diariamente atraso, o que faz com que esse serviço se limite a apenas uma parte dessa população periférica. Pois, as pessoas que necessitam desse serviço público em outros horários que não possui a circulação desse ônibus, precisam recorrer a um veículo próprio ou até mesmo ir a pé, para a realização de tais atividades. Spósito (1994, p.61) nos contribui com essa discussão acrescentando que:

Em muitos casos, as famílias deslocam se para a periferia das cidades, em busca de aluguel ou terreno mais barato, aumentando sua distancia dos locais de emprego e do centro da cidade, o que leva a maior perda de tempo nos deslocamentos para o trabalho, provocando o cansaço e o desgaste físico. Isso pode explicar o peso pejorativo que a palavra periferia incorporou.

Nesse contexto, além de ser criada pela administração pública da cidade, a segregação também é mantida por essa administração. A coleta de lixo expressa bem essa situação, nas ruas do centro da cidade, o lixo é recolhido três vezes por semana, e em outros bairros afastados somente uma vez. Além da coleta de esgoto e asfalto inexistente nesses bairros, são evidencias claras da discriminação por parte da administração pública.

Inúmeros problemas no quesito de moradia na Cidade de Goiás são decorrentes do descaso do governo local para com os setores habitados por pessoas de baixa renda, que são os bairros considerados segregados. Como o setor Papyrus, que parece ter sido esquecido pelos governantes após sua criação, esse é o sentimento dos moradores do mesmo, que relatam conhecer propostas feitas pelos governantes de asfaltar as ruas do setor, instalar rede de esgoto, e incluir a população em programas de ajuda do governo, propostas essas não cumpridas até hoje, o que leva os moradores desse setor a não terem nenhuma expectativa de melhoria de vida.

Depois de discutidos os pressupostos teóricos acerca da segregação na paisagem urbana da Cidade de Goiás, partiremos para uma análise mais específica no setor Papyrus. Inicialmente, fora realizada uma visita empírica no setor, posteriormente uma árdua conversa com os moradores aplicando um questionário aberto, onde fora permitido conhecer a vida cotidiana dos mesmos, seus sonhos e suas expectativas para uma vida melhor.

3 ASPECTOS DA SEGREGAÇÃO NO SETOR PYPYRUS

As pessoas de baixa renda que não tem muita opção de escolha para locais de moradia, acaba sendo induzidas pela segregação, que pode ser constatada na construção de casas populares, bairros desprovidos de infra-estrutura adequada, apresentando valores compatíveis com o da população de renda inferior, normalmente essas casas são construídas em locais afastados do centro.

Como modo de resolver a questão da moradia, o Estado adota a política habitacional, que é o nome dado aos diversos processos de urbanização adotados pelo poder público, para atendimento da população de baixa renda, objetivando solucionar o problema da moradia, construindo casas populares como estratégia de suportar o crescimento urbano e proporcionar aos menos favorecidos melhor condições de vida.

A Constituição Federal proclama, portanto, o direito a vida, cabendo ao Estado assegurá-la em sua acepção, sendo a primeira relacionada ao direito de continuar vivo e a segunda de se ter vida digna quanto a subsistência (MORAIS, 1999: 60-61).

Portanto, para compreender a questão habitacional na atual sociedade é necessário desmistificar o espaço ocupado pelos homens e os movimentos que se fazem presentes. É dessa forma, que poderemos visualizar as relações estabelecidas revelando suas origens e as transformações ocorridas no espaço físico e dos moradores do setor Papyrus.

3.1 A Construção do Setor Papyrus: o início da segregação

As abordagens apresentadas a respeito da construção do Setor Papyrus foram baseadas em questionários aplicados aos próprios moradores do Setor e com alguns antigos funcionários da Prefeitura Municipal da Cidade de Goiás como o Sr. Arim e o Sr. Heriwelton Silva. O objetivo da entrevista, foi conhecer a história do setor Papyrus, já que não há registros disponíveis na Prefeitura municipal para pesquisa, as grandes questões abordadas, fora o ano de construção do setor, e como foi o projeto do mesmo, e principalmente analisar as condições de moradia, bem como entender como é morar num espaço segregado, essas últimas questões fora intencionadas diretamente para os moradores.

O Setor Papyrus se localiza na porção sudeste da Cidade de Goiás, fica às margens da BR-070 na saída para Goiânia ao lado esquerdo da rodovia (Mapa em anexo - ANEXO A). O Setor foi construído a partir de um acordo firmado entre o ex-prefeito da

Cidade de Goiás, Adélio Alves Aguiar, e o ex-candidato a deputado estadual, Kennedy Trindade, que teria oferecido 186 Kits de construção em troca de apoio político à sua candidatura.

O setor Papyrus foi construído em uma área de 121.000 m², entre os anos de 1999 e 2000. A Prefeitura da Cidade de Goiás doou o terreno e a mão de obra qualificada. O ex-deputado Kennedy Trindade como prometido forneceu os Kits de construção das residências. O governo Estadual através da AGETOP- Agência Goiana de Transporte e Obras, cedeu os materiais para a construção.

O projeto de construção do setor Papyrus destinou uma área de 9.132 m² para um bosque, denominou uma avenida com o nome do ex- proprietário do terreno Sr. Petrônio Fleury e ainda destinou 9.000 m² para a construção do Quartel do Corpo de Bombeiros do município de Goiás-GO – conforme informou o Sr. Heriwelton Silva, funcionário público da prefeitura de Goiás-GO.

As ruas do setor Papyrus (Mapa em anexo - ANEXO B), são retilíneas e transversais sem respeitar as características topográficas da região. Além disso, embora o setor tenha sido planejado a sua infra-estrutura urbanística como esgoto e asfalto ainda não foi construída. As casas construídas no setor foram doadas para a população de baixa renda. As mães solteiras com até dois filhos e também as que trabalhavam como empregada doméstica tiveram prioridade no recebimento das casas.

Portanto, a construção do setor Papyrus foi uma estratégia dos administradores municipais de Goiás-GO. Segundo o Sr. Arim, a verba para a construção de casas populares é destinada apenas para os distritos e não para a expansão da área urbana do núcleo central do município – a Cidade de Goiás. Como o distrito de Davinópolis é o mais próximo da área urbana da Cidade de Goiás o setor Papyrus foi construído em suas imediações. Assim, o distrito que hoje é o setor Bacalhau divide sua área comercial, bem como seus serviços públicos como escola, posto de saúde e praça de lazer com os moradores do Setor Papyrus.

Pode se perceber que há um grande descaso da administração municipal para com os moradores do Setor Papyrus. Após doze anos de sua inauguração, o setor ainda não tem posto de saúde, escolas, creche e nenhuma área de lazer. Os moradores ainda utilizam fossas sépticas, que segundo os próprios, em época de chuva é quase impossível, comer, dormir, ou até mesmo ficar dentro de casa por causa do mau cheiro, além de insetos em grande quantidade e doenças causadas por bactérias. O sistema de transporte público também é um fator de descaso. Não cumpre os horários exatos da frota. Assim, às vezes, os moradores são

obrigados a seguir seus destinos a pé. O problema é que o setor fica bem distante do centro da Cidade de Goiás, que é o principal local de destino da maioria dos moradores.

3.2 A vida cotidiana no Setor Papyrus: a efetivação da segregação

Neste tópico serão apresentados alguns aspectos do cotidiano e da paisagem urbana do setor Papyrus a partir da visão dos moradores do setor e do levantamento fotográfico feito na área. Na pesquisa de campo, realizada no setor Papyrus da Cidade de Goiás entre os dias 10 e 17 de outubro de 2010, 25 moradores foram entrevistados com auxílio de questionário. Foram selecionadas aleatoriamente 25 residências e aplicando o questionário para apenas 1(um) morador por residência. Todas as fotografias que farão parte deste trabalho, serviram para que o leitor tenha conhecimento de todos os dados que são aqui apresentados. Dessa forma fora escolhida para fotografar as imagens das residências dos moradores, das ruas, do pequeno comercio, da igreja, do campo de futebol sendo única área de lazer, e do entulho de lixo localizado nas ruas do setor.

3.2.1 Os sujeitos que vivem no setor Papyrus

A maior parte dos moradores entrevistados é do sexo feminino, sendo 15(quinze) mulheres e 10(dez) homens, e há uma concentração maior de pessoas entre 31 a 50 anos, como pode ser observado no gráfico 1, abaixo:

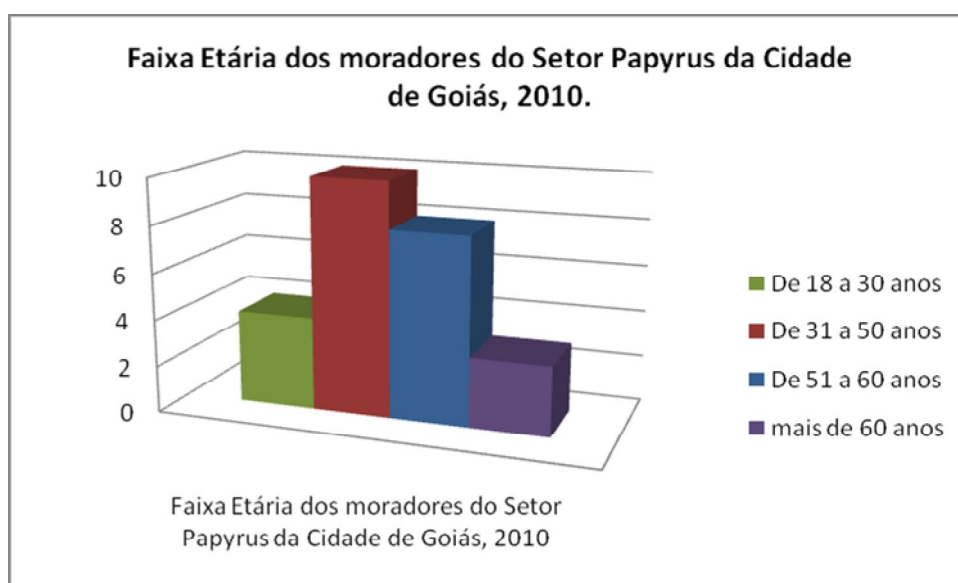


Gráfico 1: Faixa etária dos moradores do Setor Papyrus da Cidade de Goiás.

Fonte: Pesquisa de campo realizada no Setor Papyrus.

Org: SOUSA, Carla Benigna da P., 2010.

Não foi possível determinar o número aproximado de habitantes do setor, por falta de documentos que deveriam estar disponível na prefeitura da cidade, a ausência deste documento foi justificada pelo funcionário da prefeitura o Sr. Arim, que alega não ter um levantamento desta natureza por se tratar de um setor criado muito recentemente.

Através das observações feitas e do uso do questionário no setor, nota-se que a maioria dos moradores entrevistados são casados, possui de 2(dois) a 4(quatro) filhos. Portanto estima-se que o número de moradores por residência está entre 4(quatro) a 6(seis) pessoas. O número de filhos relativamente elevado, pode-se justificar pela falta de acesso à informações e a contraceptivos por parte dos pais, o que é comum entre as famílias carentes. Nota-se também que a maioria dos moradores entrevistados no setor Papyrus não teve a oportunidade de ter uma formação profissional. Conforme o gráfico 2, a maioria dos moradores tem somente o Ensino Fundamental incompleto. Isso justifica a variedade de profissões autônomas presente no setor como, costureiras, domésticas, cabeleireiro, moto taxi, pedreiro, agricultor, vendedor ambulante, aposentados, etc.

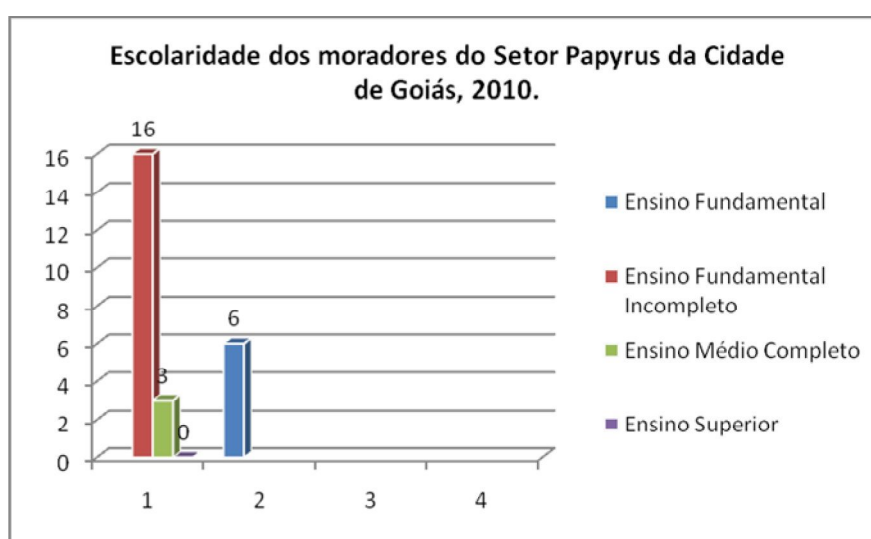


Gráfico 2: Escolaridade dos moradores do Setor Papyrus da Cidade de Goiás.

Fonte: Pesquisa de campo realizada no Setor Papyrus.

Org: Sousa, Carla Benigna da P., 2010

Os dados refletem o baixo poder aquisitivo dos moradores do setor Papyrus, considerando que a renda familiar dos entrevistados dificilmente ultrapassa o equivalente a um salário mínimo, conforme explicita o gráfico 3.

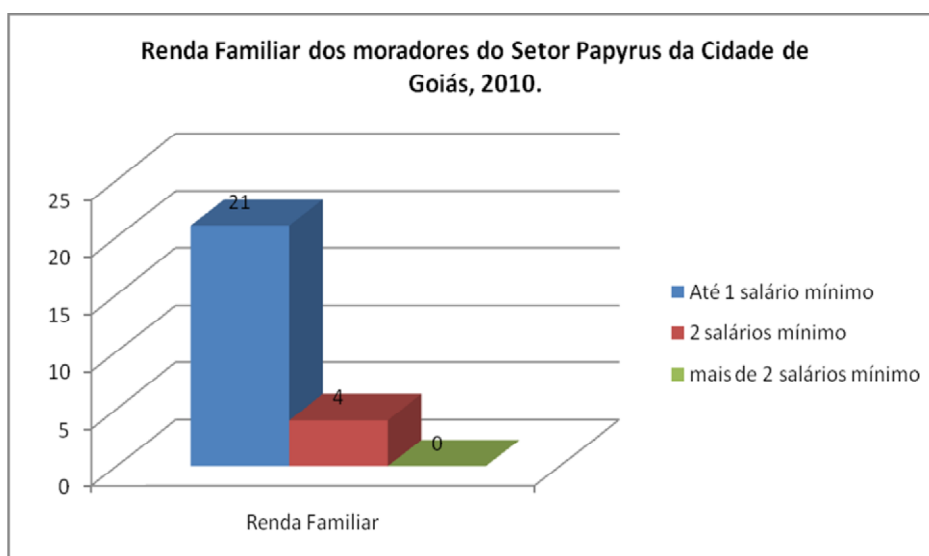


Gráfico 3: Renda Familiar dos moradores do Setor Papyrus da Cidade de Goiás.

Fonte: Pesquisa de campo realizada no Setor Papyrus.

Org: Sousa, Carla Benigna da P., 2010.

É comum que nos setores mais pobres como no Papyrus, as famílias possuem rendas baixas e um número relativamente elevado de moradores nas casas, e em decorrência disso, as moradias tornam-se cada vez mais precárias, visto que, as famílias não possuem condições para mudar essa situação, e assim, a tendência são essas famílias sofrerem cada vez mais com as difíceis condições.

Todos os moradores, disseram que suas residências são próprias, uns alegam ter participado do projeto do setor e ganhou a casa, e outros disseram que comprou do antigo morador ou que fora cedida por um parente.

3.2.2 A insatisfação em relação ao setor Papyrus na perspectiva dos moradores

Não ter outra opção foi o motivo alegado por todos os moradores entrevistados, quando perguntados sobre o motivo que os levou a residir no setor. Outros motivos também foram citados como: ter ganhado a casa do governo e pelo preço do terreno ter sido mais barato que em outros lugares da cidade. Atualmente os mais antigos moradores entrevistados, que residem neste setor de 9 (nove) a 12 (doze) anos dizem ter se acostumado com o lugar, que gostam de viver ali, por isso não tem vontade de mudar, Rieper (s.d., p. 15), nos explica que:

No cotidiano se processa a esfera da proximidade, da vizinhança, do conhecimento e do reconhecimento, da horizontalidade das relações afetivas. É através do vivido que

os seres humanos interpretam a realidade. É na materialidade do cotidiano que existe a possibilidade concreta de apreensão do espaço pelas pessoas. É através das ações e das possibilidades de ações que os lugares se constroem, investidos de valor simbólico, relacionando materialidade e subjetividade.

Pode se entender que a produção da vida cotidiana das pessoas, refere se a produção do espaço decorrente das atividades por elas realizadas, o cotidiano é parte da história de cada indivíduo, que se transforma com o passar do tempo. Assim, os moradores criaram vinculo com o lugar, mesmo insatisfeitos com os governantes, pois precisam de ajuda para arrumar a estrutura de suas casas, bem como da infra-estrutura do setor, que não tem rede de esgoto, asfalto, áreas de lazer, serviços básicos prestados a comunidade como postos de saúde, área comercial, escola, etc., como podemos ver nas fotos demonstradas a seguir.



Foto 11: Estrutura precária de uma casa
Autora: SOUSA, Carla Benigna da P. (2010)



Foto 12: Rua sem pavimentação
Autora: SOUSA, Carla Benigna da P. (2010)

O centro do setor possui somente um mercadinho e uma igreja católica de Santo Expedito, veja nas fotos 13 e 14. Essa realidade confirma a afirmação de Cardoso (2003, p. 29), “não são só as casas que constroem um setor com qualidade de vida”. Durante os doze anos de construção do setor, os moradores entrevistados alegam não ter ocorrido nenhuma mudança significativa no setor. As poucas mudanças ocorreram nas próprias residências, pois alguns moradores com esforço próprio conseguiram arrumar a estrutura física de suas casas como mostra as fotos 15 e 16, e o numero de moradores que aumentou, conforme comprova o gráfico 4.



Foto 13: Pequeno mercadinho do Setor Papyrus.
Autora: SOUSA, Carla Benigna da P. (2010).



Foto 14: Igreja de Santo Expedito
Autora: SOUSA, Carla Benigna da P. (2010)



Foto 15: Casa reformada pelo morador
Autora: SOUSA, Carla Benigna da P. (2010)



Foto 16: Casa reformada pelo morador
Autora: SOUSA, Carla Benigna da P. (2010).

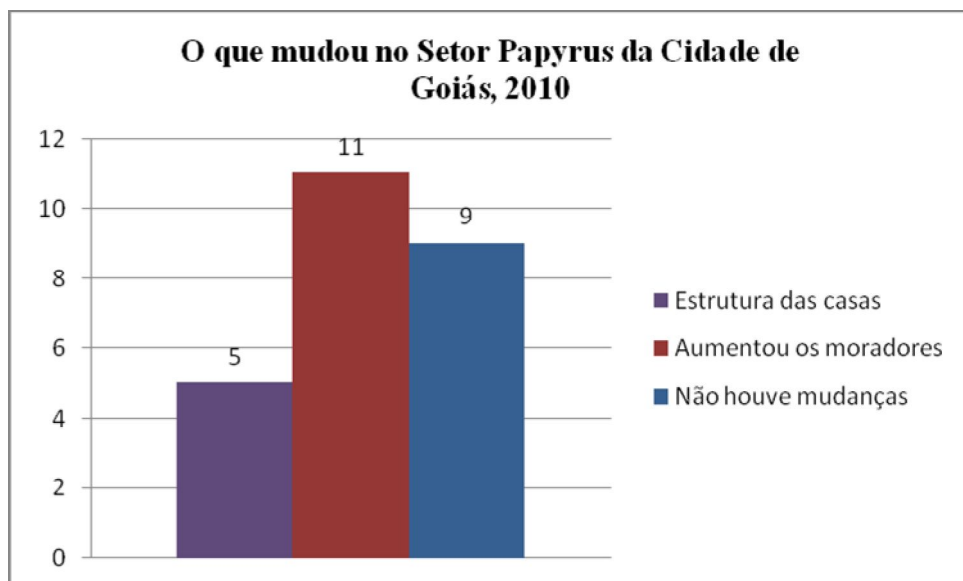


Gráfico 4: O que mudou no Setor Papyrus da Cidade de Goiás segundo os moradores.
Fonte: Pesquisa de campo realizada no Setor Papyrus.
Org: Sousa, Carla Benigna da P., 2010.

Em virtude do difícil acesso a auxílios de renda governamentais, como por exemplo, o cheque-moradia, que é um programa do governo do estado de Goiás que visa atender a população de classe baixa dos diversos municípios do estado, as pessoas por si mesmas, reformam suas casas, tentando melhorar sua estrutura.

Assim, percebe-se que há um número significativo de casas autoreformadas, sem acabamento, pois muitas delas levam anos para terminar sua reforma, que acontece de acordo com a condição financeira de seus moradores

3.2.3 As práticas culturais dos moradores no Setor Papyrus

O setor Papyrus, não permite que a maior parte de seus moradores trabalhe ou faça compras no mesmo. A maioria estuda e trabalha no centro da Cidade de Goiás ou em setores vizinhos, visto que o mesmo não oferece emprego para os moradores, exceto para aqueles que trabalham em casa como cabeleireiro, costureiras, etc. Pode-se dizer que isso também é reflexo da falta de planejamento, permitindo a incapacidade de um setor desarticulado em gerar empregos, aumentando assim, as dificuldades financeiras dos moradores.

Existe apenas uma manifestação cultural no setor que atrai pessoas da cidade e de outros setores vizinhos, a festa de Santo Expedito ocorrida todo dia 19 de abril de cada ano. Nos momentos de lazer as opções são os passeios na casa de familiares fora do setor Papyrus, já que o mesmo em relação ao lazer, conta apenas com um campo de futebol feito pelas crianças do setor ilustrado a seguir na foto 17. Portanto há a necessidade desses moradores se deslocarem para a realização de tais atividades.



Foto 17: Campo de futebol
Autora: SOUSA, Carla Benigna da P. (2010)

Contudo, percebe-se que a dificuldade desses moradores não para por aí, o meio de transporte dos mesmos, é o público oferecido pela Prefeitura municipal, no qual os moradores avaliam como ruim por motivos de atraso e de estrutura física dos ônibus que são precários (Foto 18).



Foto 18: Ônibus da prefeitura municipal
Autora: SOUSA, Carla Benigna da P. (2010)

Dessa forma, pode se entender o porquê que os moradores, dizem não terem nenhuma expectativa para uma vida melhor. A administração municipal, que criou esse setor e contribuiu para a sustentação dessa condição de vida, praticamente esqueceu do setor Papyrus. Segundo os moradores, não se tem conhecimento de projetos de melhoria para o setor Papyrus o descaso com esses moradores chega a ser abusivos. O setor é tratado como um lugar de “despejo”, deixando a sensação que o setor continua em processo de construção da manutenção da segregação que gera votos.

Nesta perspectiva, nota se que o Estado de certa forma acaba exercendo uma grande influencia no processo de segregação, isso ocorre através de financiamentos às construtoras, instalação de infra-estrutura em determinados locais, e ressaltando a construção de casas populares, afastando essas pessoas do centro da cidade, criando uma desigualdade social, que reflete também por meio de dificuldades de conseguir recursos básicos para a sobrevivência, bem como a carência de infra-estrutura que aparecem como problemas sérios, visto que o Estado somente doa as casas, e a partir daí, os moradores devem “se virar” em busca de uma vida digna.

[...] que se refere basicamente aos loteamentos irregulares das periferias urbanas e às favelas, no caso, a segregação é induzida pela própria pobreza, pelo menor poder aquisitivo, que força uma parcela considerável da população a se sujeitar a morar em espaços quase que desprovidos de infra-estrutura, negligenciados pelo Estado e até insalubres (SOUZA, 1995, p. 54).

Sobre este olhar, a pesquisa propôs um estudo que abordou e refletiu sobre as formações sociais que são encontradas ao longo da construção da rede urbana e social, e neste cenário se propôs a análise de parte do espaço urbano da cidade de Goiás, para que se possa compreender o todo, e as relações humanas que ali são estabelecidas.

Ao desenvolver este estudo que englobou a desmistificação do espaço, obteve-se com maior clareza uma visão ampla do espaço, pois foram observados os fenômenos expressados, nos revelando seu contínuo processo de mudança que às vezes passa despercebidos, ou às vezes é percebido, mas não lhe é dada a devida importância que merece.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo realizado fora de grande importância para compreender como é morar num espaço segregado, e entender que as políticas habitacionais implantadas na Cidade de Goiás, infelizmente não atingiu seus objetivos, visto que os moradores estão insatisfeitos com o setor, ressaltando ainda o grande descaso da administração local com esses moradores, haja visto que o setor fora construído a doze anos e não passou por nenhuma mudança significativa que favoreça seus moradores.

Como visto, os moradores do setor Papyrus não possui uma vida digna, se fora considerar que não basta apenas ter uma casa, mas é necessário que lhes ofereça infraestrutura adequada como rede de esgoto, asfalto, área de lazer, saúde, educação e oportunidade de emprego para que os moradores criem uma expectativa de uma vida melhor.

Portanto, a paisagem que se vê no setor Papyrus, revela a segregação, não apenas espacial, como também social e cultural. E pode se ainda perceber que a doação dessas casas dita própria, serviu apenas para juntar em um mesmo espaço pessoas com as mesmas características, sonhos e desejos, pois não atendeu as necessidades básicas da população ali inserida. Como afirma Santos (1987, p. 43), “a educação, a moradia, a saúde, o lazer, aparecem como conquistas pessoais e não como direitos sociais”.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, Regina. **Um Estudo Sócio-Espacial do Setor Fernanda Park no Município de Itaberaí**. 2003.38p. Monografia apresentada ao curso de licenciatura plena em geografia da Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária Cora Coralina.2003.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2003 .

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O Espaço Urbano: Novos escritos sobre a cidade**. Edição Eletrônica. São Paulo: Labur, 2007.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A (re) Produção do Espaço Urbano**. São Paulo- SP: Ediusp, 1994.

CAVALCANTI, Lana de S. **A geografia escolar e a cidade: ensaios sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana**. Campinas (SP): Papirus, 2008

CHAVEIRO, E. F. **Goiânia: uma Metrópole em Travessias**. Tese (Doutorado em Geografia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

CORRÊA, R .L.. **Trajetórias geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

CORRÊA, Roberto Lobato. **A rede urbana**. São Paulo:Ática,1989

GOMES, Paulo César da Costa. **A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade**. Rio de Janeiro: 2002, 304 p.

MORAES, Alexandre.**Direito Constitucional**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MUNFORD, Lewis. **A Cidade na História: suas origens, transformações e perspectivas**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. 741.

PALACÍN, Luís. **História de Goiás**. 6 ed. Goiânia: Ed. Da UCG,1994.

RIEPEP, Ana. **Cotidiano e paisagem – uma abordagem cultural** (Prodema – UFS).

RODRIGUES, Arlete Moysés. **Moradia nas cidades brasileiras**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1989 (Coleção Repensando a Geografia).

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Nobel, 1987.(Coleção espaços)

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. 3. ed. São Paulo: Nobel, 1996. (Coleção espaços)

SANTOS, Milton. **Metamorfose do Espaço Habitado**. São Paulo: Hucitec, 1996.

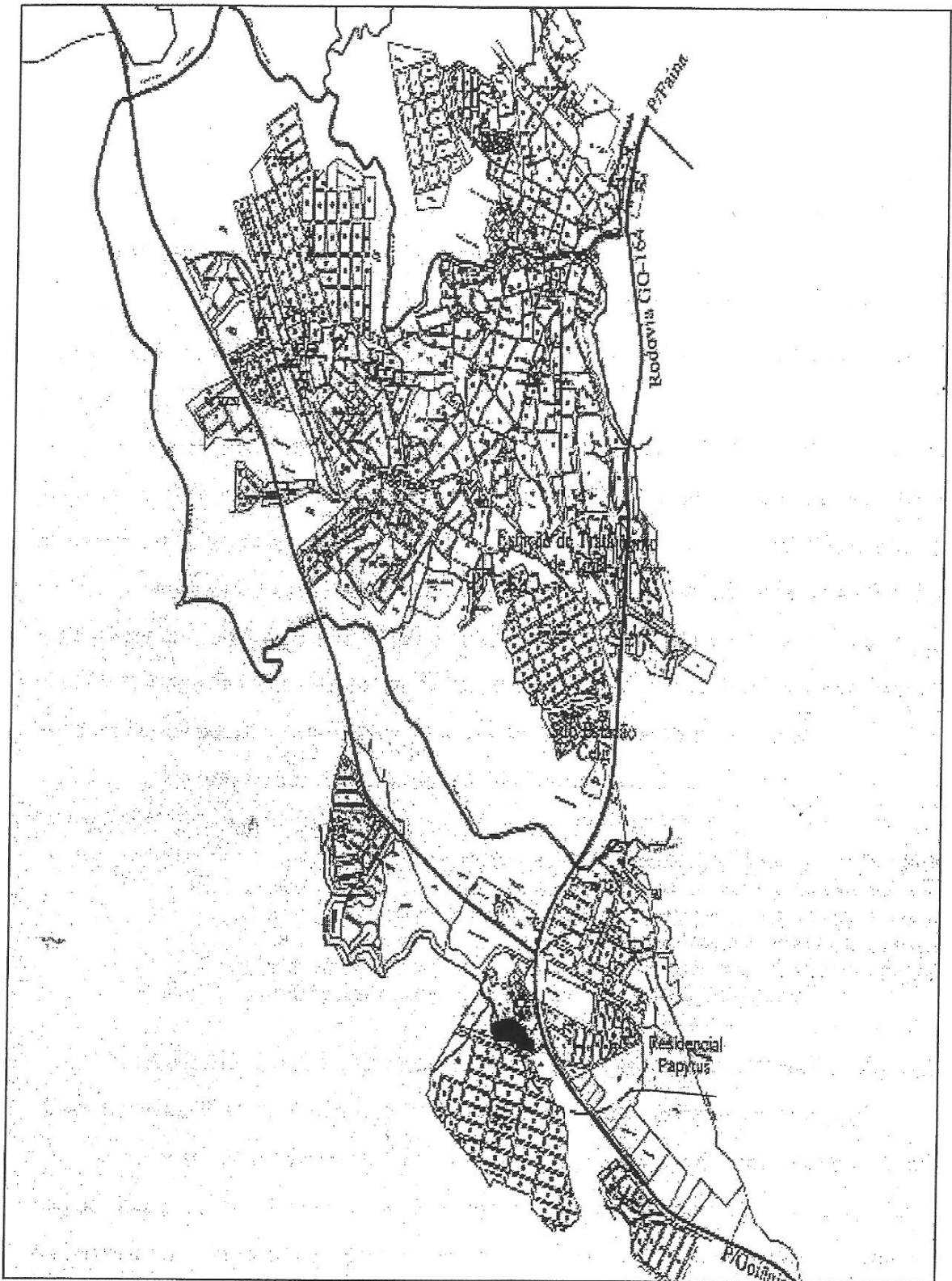
SOUZA, Marcelo José. **Urbanização e desenvolvimento no Brasil atual**. São Paulo: Ática, 1996.

SPOSITO, M^a. Encarnação Beltrão. **Capitalismo e urbanização**. 5 ed. São Paulo: Contexto, 1994.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP: Lincoln Institute, 2001.

ANEXOS

ANEXO A – Mapa dos bairros da cidade de Goiás



Mapa: 01: Mapa dos Bairros da Cidade de Goiás

Fonte: Arquivo da prefeitura municipal

Escala: 1:30.00

Org: PIRES, P. E.

ANEXO B – Bairro Papyrus

ANEXO C – Questionário

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
 UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE GOIÁS
 PESQUISA DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
 Discente: Carla Benigna da Paixão Sousa / Orientadora: Karla Annyelly T. de Oliveira

Questionário nº: _____ Endereço: Rua: _____ Qd: ___ Lt: ___ Data: ___/___/2010.

I - QUEM É O MORADOR?

1. Sexo () Masculino (X) Feminino
2. Idade: 68
3. Estado Civil: casado
4. Escolaridade: não estudou
5. Profissão: do lar aposentado
6. Renda Familiar: 2
7. Qual é a situação de sua residência?
 (X) Própria () Alugada () Mora de Favor () Outros _____
8. Se a residência for sua, como a conseguiu? ganhei
9. Quantas pessoas moram no domicílio? 2
10. Quantas pessoas contribuem com a renda familiar? 2
11. Possui carro? Qual? não

II - O MORADOR E A CONSTRUÇÃO DO RESIDENCIAL PAPHYRUS

12. Há quanto tempo você mora no residencial Papyrus?
8 anos
13. O que te levou a vir morar neste bairro?
ganhei
14. O que mudou no residencial, desde que você veio morar aqui até os dias de hoje?
nada
15. O que deveria ser feito para melhorar o bairro?
área de lazer e comercial
16. Quais serviços de saneamento existem no residencial?
 (X) Água tratada () rede de esgoto (X) coleta de lixo () outros
17. Como você avalia o transporte coletivo existente no residencial?
bom, coisa mas tem
18. Existe associação de bairros ou moradores no Residencial Papyrus? Como funciona?
atualmente não
19. Qual é a expectativa que você tem para uma vida melhor?
área de lazer e comercial p/ não precisar sair do quilo para o centro.
20. Você tem conhecimento de algum projeto de melhoria para o residencial Papyrus? Qual?
construção de praça, asfalto e rede de esgoto

III - OS MORADORES E AS PRÁTICAS CULTURAIS NO RESIDENCIAL PAPHYRUS

21. Quais atividades você e sua família fazem no bairro? Ou informe o setor de prática dessas atividades.
 () Trabalha. Onde? não () Estuda. Onde? _____ (X) Faz compras. Onde? centro
23. O que gosta de fazer no tempo livre (fim de semana, feriado)? Onde?
passar com meu esposo
25. O que o residencial propõe em relação ao lazer?
nada
27. Existem manifestações culturais no bairro, que atraí pessoas de outros bairros?
feira da igreja
22. Participa de algum grupo de atividades sociais no residencial? Qual?
não
26. Participa de algum grupo religioso? Qual?
não
28. Como é a sua relação com os vizinhos? ótima